

ANÁLISE DA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE JOGADORAS DE FUTSAL BRASILEIRAS QUE ATUAM NO BRASIL E NA ITÁLIA.

Bruna Melo Maciel

RESUMO

O futsal feminino vem crescendo e conquistando espaço cada vez mais, em nível nacional e internacional. O objetivo do presente estudo foi explorar a trajetória profissional de jogadoras de futsal brasileiras que atuam no Brasil e na Itália, analisando se há diferenças na trajetória das atletas brasileiras que estão atuando no país frente aquelas que estão fora. Foram avaliadas 99 atletas através de um estudo transversal, utilizando um questionário autoaplicável com variáveis relacionadas à iniciação esportiva, acesso à escolas de categoria de base, escolaridade, apoio familiar e remuneração. A maioria das atletas iniciou a prática do futsal entre 9 á 11 anos (40,4%), estabeleceram um vínculo federativo entre 13 á 15 anos (46,5%) e, o primeiro contato com o futsal foi jogando na rua. Posteriormente grande parte frequentou uma escolinha de categoria de base, no entanto, na maioria dos casos essa não era específica para meninas. Quase todo o público participante desta pesquisa recebeu apoio familiar na fase de iniciação. Pode-se concluir que a grande maioria das atletas possui um alto grau de escolaridade, não havendo diferença significativa entre as atletas que estão no Brasil quanto às que estão na Itália neste quesito. Porém, quanto à remuneração nota-se que percentual de atletas que não recebe para jogar se encontra somente no Brasil, assim como as atletas que não se mantém apenas com o que ganha com o esporte e aquelas que não consideram o futsal uma profissão. Considerando os resultados obtidos neste estudo, apesar dos avanços do futsal feminino, é visto que ainda há o que melhorar, principalmente no que se refere à remuneração e reconhecimento do futsal como uma profissão para as mulheres. Os dados aqui encontrados podem ser utilizados por órgãos responsáveis pela modalidade no país a fim de estimular a presença de novas gerações no esporte, visando o crescimento e aperfeiçoamento da modalidade no país.

PALAVRAS-CHAVE: Futsal Feminino, Trajetória Profissional, Carreira Esportiva, Brasil, Itália.

INTRODUÇÃO

Desde o início da sua prática no Brasil, em 1983, o futsal feminino vem ganhando cada vez mais espaço. (BASTOS e NAVARRO, 2009) Com sua visibilidade em progresso, no ano de 2019 ocorreu a primeira transmissão de um jogo de futsal feminino na televisão brasileira.

No entanto, poucos são os estudos a respeito da trajetória profissional dessas atletas brasileiras que vem atuando dentro do país e também sobre aquelas que foram construir o seu futuro fora.

Em um estudo realizado por Barreira et al. (2018), foram mapeadas as produções de artigos científicos nacionais sobre futebol e futsal feminino e observou-se na Revista Brasileira de Futsal e Futebol (RBFF), que hoje em dia é responsável por 18% das publicações sobre as modalidades dentro dos periódicos nacionais, que somente 4% das publicações são referentes ao futsal feminino.

Contudo, autores como Martins (2013) e Santana e Reis (2003) reconhecem que são necessários estudos sobre o perfil das jogadoras de futsal brasileiras, pois estes podem possibilitar intervenções a fim de favorecer o crescimento da modalidade. Além disso, Moraes, Rabelo e Salmela (2004) acreditam que através de estudos com atletas que se destacam em alguma área, podem ser criados modelos para formação de talentos.

Dos estudos encontrados na literatura a respeito da trajetória profissional de jogadoras, encontramos Santana e Reis (2003), Martins (2013), Altmann e Reis (2013), Martins et al. (2018) e Souza e Martins (2018). Esses autores traçam o perfil de jogadoras de futsal feminino paranaense, campeonato mineiro, de seleções sul-americanas e do campeonato paulista, nesta ordem. Todos estes avaliaram fatores como: local de iniciação, período de início da prática sistemática do futsal, idade que a atleta se vinculou à federação, tempo de prática sistemática, fator relevante para a prática sistemática e se as atletas eram remuneradas.

Porém, Martins et al. (2018), indicam que não se deve construir um modelo universal de carreira esportiva, eles mencionam a importância de se observar as culturas locais. E nesse quesito, é visto que na literatura há uma lacuna, devido à falta de um estudo que analise mais de uma localidade do Brasil ao mesmo tempo.

A fim de auxiliar no preenchimento desta lacuna, através dessa pesquisa analisou-se a trajetória de atletas naturais de várias partes do país, reunindo em um só estudo uma variedade de culturas. Por meio deste estudo, foi explorada a trajetória profissional de jogadoras de futsal brasileiras que atuam no Brasil e na Itália, analisando se há diferenças na trajetória das atletas brasileiras que estão atuando no país frente aquelas que estão fora.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, com uma amostra de jogadoras de futsal brasileiras que atuam no Brasil e na Itália. Utilizou-se o método de análise não-probabilística, pelo fato da pesquisadora ter escolhido o campeonato Taça Brasil de Futsal Feminino para representar a amostra de brasileiras que estão atuando no Brasil, sendo assim, as equipes já eram pré-determinadas, caracterizando uma amostra por conveniência. Do mesmo modo, as atletas brasileiras que participaram representando as jogadoras que estão atuando na Itália, foram definidas através do Campeonato Italiano Feminino Série A.

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: Ser brasileira e ter mais de 18 anos, participar de uma das equipes selecionadas para o estudo e concordar com o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Todas as atletas que preencheram os critérios de inclusão foram convidadas a participar do estudo.

As avaliações foram realizadas no ano de 2020, durante o mês de abril. Foi utilizado um questionário autoaplicável através do aplicativo de formulários online, google forms. Foram avaliadas variáveis relacionadas à iniciação esportiva, acesso à escolas de categoria de base, escolaridade, apoio familiar e remuneração.

Foi realizado um estudo piloto com cinco jogadoras que não fizeram parte da amostra final do estudo. Neste, foram verificadas questões logísticas do projeto tais como verificação da linguagem do questionário e funcionamento do aplicativo. Nenhum problema de entendimento do questionário foi apontado no estudo piloto.

Em relação aos aspectos éticos, antes de responder ao questionário foi apresentado para as jogadoras o TCLE em forma virtual através do Google Forms e, a participação só ocorreu após a concordância com o termo.

Após a coleta dos dados, os mesmos foram exportados em um banco no formato Open Office. Após a verificação da consistência dos mesmos, estes foram exportados para o programa IBM-SPSS versão 24® onde foram analisados. Foi realizada uma análise descritiva entre as variáveis.

RESULTADOS

Representando as atletas brasileiras que atuam no Brasil, foram selecionadas oito equipes para participação na pesquisa, sendo elas as atuantes no campeonato Taça Brasil de Futsal Feminino 2019. Ao estabelecer contato com as oito equipes, houve retorno apenas de cinco. Das atletas brasileiras que estão atuando no Campeonato Italiano Feminino Série A, todas as 35 registradas foram convidadas para entrar da pesquisa, porém, 30 participaram.

A amostra final do estudo totalizou 99 atletas, sendo que 69 (69,7%) estão residindo no Brasil e 30 (30,3%) residem atualmente na Itália. A grande maioria dessas atletas se encontra nas faixas etárias acima dos 27 anos e 18 à 20 anos, como pode ser visto na tabela abaixo. Assim como, a idade com que as atletas iniciaram a prática esportiva de maneira regular e quando estabeleceram um vínculo federativo.

Tabela 1 - Idades

Idade atual	Frequência	%	Idade início prática regular	Frequência	%	Idade início vínculo federativo	Frequência	%
18 á 20 anos	26	26,3	6 á 8 anos	37	37,4	10 á 12 anos	22	22,2
21 á 23 anos	14	14,1	9 á 11 anos	40	40,4	13 á 15 anos	46	46,5
24 á 26 anos	23	23,2	12 á 14 anos	16	16,2	16 á 18 anos	23	23,2
Acima de 27 anos	36	36,4	12 á 14 anos	6	6,1	19 á 21 anos	6	6,1
						Acima de 22 anos	2	2,0

Ao se abordar à respeito do apoio na fase de iniciação, há uma predominância do positivo, tabela 2. Além disso, ao classificar esse apoio, 69,7% apontou o mesmo como ótimo. Em 43,4% dos casos, esse suporte na iniciação veio por parte dos pais (pai e mãe), do mesmo modo, esse era o maior público das atletas quando participavam de jogos competitivos (32,3%), seguido de outros (21,2%).

Tabela 2 – Obtenção de apoio na fase de iniciação

	Frequência	%
Não	7	7,1
Sim	92	92,9
Total	99	100,0

Foi visto que a maioria das atletas teve seu primeiro contato com o futsal jogando na rua (31,3%), seguido de 22,2% que iniciou a prática na escola.

Posteriormente, 69,7% das atletas frequentaram uma escolinha de categoria de base. No entanto, esta não era específica para meninas em 66,7% dos casos. Contudo, 41,4% das atletas classificam o acesso à escolas específicas para meninas como regular.

Os estados do Brasil em que as atletas realizaram a iniciação no futsal mais citados são: São Paulo (24,2%), Rio grande do Sul (22,2%), Paraná (17,2%), Brasília-DF e Santa Catarina (14,1%). Ao analisar a tabela 3, percebe-se que não há atletas que tiveram a sua iniciação no estado de São Paulo atuando na Itália hoje em dia, assim como nenhuma das atletas oriundas de Brasília. Quando é analisado o segundo estado mais citado, Rio grande do Sul, é visto que a maioria das atletas se encontram no Brasil, diferente do caso do Paraná que grande parte se encontram na Itália.

Tabela 3 – Estados de iniciação e país de residência atual

	Brasil	Itália
Brasília – DF	14 100,0%	0 0,0%
Ceará	2 100,0%	0 0,0%
Espírito Santo	1 100,0%	0 0,0%
Goiás	1 100,0%	0 0,0%
Mato Grosso do Sul	0 0,0%	1 100,0%
Minas Gerais	2 66,7%	1 33,3%
Paraná	5 29,4%	12 70,6%
Rio grande do Sul	13 59,1%	9 40,9%
Santa Catarina	7 50,0%	7 50,0%
São Paulo	24 100,0%	0 0,0%

Apesar de 58,6% das atletas considerarem a conciliação da prática do esporte com os estudos difícil, os graus de escolaridade em que grande parte delas se encontram são: ensino superior incompleto (50,5%) e ensino superior completo (33,3%). Ao se analisar a tabela 4, é possível verificar que a maioria das atletas que estão atuando tanto no Brasil quanto na Itália se encontram nesses graus de escolaridade.

Tabela 4 - Grau de escolaridade e país de residência atual

	Brasil	Itália
Ensino fundamental completo	1 100,0%	0 0,0%
Ensino médio completo	9 81,8%	2 18,2%
Ensino médio incompleto	4 100,0%	0 0,0%
Ensino superior completo	18 54,5%	15 45,5%
Ensino superior incompleto	37 74,0%	13 26,0%
Total	69	30

Atualmente 82,8% das atletas participantes estão sendo remuneradas para jogar futsal, os outros 17,2% praticam o esporte sem remuneração. Na tabela 5, observa-se que todas essas atletas que não estão recebendo remuneração para jogar estão atuando no Brasil.

Tabela 5 - Remuneração e país de residência atual

	Brasil	Itália
Não	17 100,0%	0 0,0%
Sim	52 63,4%	30 36,6%
Total	69	30

E quando a questão é se as atletas conseguem se sustentar somente com o futsal, a porcentagem negativa aumenta, visto que 42,4% não conseguem. No entanto a maioria (57,6%) se mantêm somente com o esporte. Ao analisar a tabela 6, podemos notar que toda essa porcentagem de atletas que não se mantêm apenas com o que ganha com o esporte se encontra no Brasil.

Tabela 6 - Sustentar-se apenas com o futsal e país de residência atual

	Brasil	Itália
Não	42 100,0%	0 0,0%
Sim	27 47,4%	30 52,6%
Total	69	30

Quanto à exercer outra atividade remunerada, 68,7% não exerce e 31,3% exercem. Quando este valor é analisado comparando Brasil e Itália (tabela 7), é visto que na Itália o percentual de atletas que desempenham outra atividade para fins lucrativos é baixo em relação ao Brasil.

Tabela 7 - Execução de outra atividade remunerada e país de residência atual

	Brasil	Itália
Não	42 61,8%	26 38,2%
Sim	27 87,1%	4 12,9%
Total	69	30

Dentre as atletas entrevistadas 88,9% consideram o futsal uma profissão e 11,1% não consideram. É visto na tabela 8, que todas as atletas que não enxergam o futsal como algo profissional se encontram no Brasil.

Tabela 8 - Consideração do futsal como profissão e país de residência atual

	Brasil	Itália
Não	11 100,0%	0 0,0%
Sim	58 65,9%	30 34,1%
Total	69	30

DISCUSSÃO

O presente estudo encontrou a maioria das atletas participantes nas faixas etárias acima dos 27 anos (36,4%) e 18 à 20 anos (26,3%), podendo ser percebido a mescla de gerações que estão atuando hoje em dia no futsal feminino. Foram apresentados resultados referentes à prática esportiva regular, conhecida também como prática sistemática, ou seja, quando o atleta pratica um esporte com treinamentos visando aperfeiçoar o seu desempenho (SOUZA e MARTINS, 2018); sendo uma atividade extracurricular, com treinos semanais e participação em competições (SANTANA, FRANÇA e REIS, 2007). Estes resultados obtidos revelam que 40,4% das atletas iniciaram a prática regular entre 9 à 11 anos e 37,4% entre 6 à 8 anos. Semelhante foram os resultados encontrados por Martins (2013), que reuniu atletas participantes do Jogo de Minas 2012, que tiveram como idade média de início da prática sistemática

11,81 anos. No estudo de Souza e Martins (2018) com jogadoras de futsal que disputavam o Campeonato Paulista de 2015, as atletas iniciaram a prática sistemática por volta dos 11 anos. Santana e Reis (2003) analisaram atletas de elite do futsal feminino paranaense que disputaram a fase semifinal do estadual e encontraram 62,8% entre 12 e 18 anos de idade. Martins et al. (2018) as atletas das seleções de futsal feminina sul-americanas que disputaram o Campeonato Sul Americano de Futsal em Campinas, 76,8% iniciaram a prática sistemática entre 10 e 20 anos.

Bompa (2002) apud Santana e Reis (2003) declara que devido ao futsal ser uma modalidade que exige bastante velocidade e potência, a idade ideal para iniciação seria entre os 10 e 12 anos. Silva, Fernandes e Celani (2001) alegam que as crianças na faixa dos 8 à 12 anos encontram-se na fase de desenvolvimento mais apropriada para a aquisição das habilidades básicas necessárias à maioria das modalidades desportivas. Além disso, os treinadores que participaram do estudo, apontam a faixa etária dos 9 à 10 anos como idade ideal, justificando que esta é favorável para o aprendizado desportivo e aprendizagem dos gestos. É visto que, a maioria das atletas participantes do presente estudo iniciou a prática numa idade adequada (40,4%), no entanto, há um grande percentual que começou a sua iniciação entre 6 à 8 anos (37,4%), que à vista da literatura, é uma faixa etária precoce para a iniciação de um treinamento especializado.

No presente estudo, 46,5% das atletas estabeleceram um vínculo federativo entre 13 à 15 anos, ou seja, se registraram oficialmente com um clube juntamente com a federação estadual (MARQUES E SAMULSKI, 2009). No estudo de Santana e Reis (2003) foi visto que 69,7% se federaram entre 13 e 18 anos; no realizado por Martins (2013) 70% estabeleceram este vínculo entre 12 e 18 anos; Souza e Martins (2018) encontraram a maioria com o vínculo federativo presente a partir dos 15 anos e; no estudo de Martins et al. (2018) em 63,7% a federação ocorreu entre os 16 e 25 anos. No entanto, ao se observar o público masculino, foi visto por Santana, França e Reis (2007) que os jogadores juvenis paranaenses estabeleceram um vínculo federativo em média aos 12 anos. Assim como Santana e Ribeiro (2010), que encontraram 12,4 anos como idade média para início de participação em competições federadas de jogadores de futsal participantes da 8ª Liga Nacional de Futsal.

Santana e Ribeiro (2010) relatam que os campeonatos oficiais da Confederação Brasileira de Futsal (CBFS) acontecem a partir da categoria sub15, para adolescentes do sexo masculino e feminino. Justificando com isso as idades com que as atletas estabelecem um vínculo federativo. Na visão de Santana e Reis (2003) a iniciação tardia em relação ao sexo masculino, proporciona para as meninas a vantagem de não estarem sobrecarregadas quando chegam na idade ideal para iniciar em um treinamento especializado. E consideram que a oficialização de categorias para meninas de 5 à 12 anos, com competições oficiais e cobranças excessivas sem haver cuidado pedagógico por parte dos professores, pode gerar uma especialização esportiva precoce como acontece geralmente no sexo masculino.

No presente estudo 92,9% das atletas participantes afirmam ter recebido apoio na fase de iniciação, sendo este classificado em 69,7% como ótimo. Em 43,4% dos casos, esse suporte na iniciação veio por parte dos pais (pai e mãe), do mesmo modo que, esse era o maior público das atletas quando participavam de jogos competitivos (32,3%). Para 80% dos pais participantes do estudo de Almeida e Souza (2016) a forma com que apoiam seus filhos é se fazendo presente nos jogos. No estudo de Filgueira e Schwartz (2007) a maioria dos atletas afirma gostar da presença dos pais nos jogos, pois estes os incentivam e os motivam a jogar melhor. Marques e Samulski (2009) observaram em seu estudo, que apesar da maioria dos atletas não terem contato diário com os pais, acreditavam ter o apoio deles, principalmente com relação à aspectos motivacionais e emocionais. Das atletas abordadas por Martins et al. (2018), 50,7% identificaram a família como a maior incentivadora nesse processo. No estudo de Vissoci et al. (2013) as atletas relataram receber apoio e encorajamento por parte dos pais e contam que recorrem aos membros da família sempre que necessitam de ajuda para lidar com os problemas da carreira esportiva, concluindo que os pais são influenciadores na motivação delas e na continuidade da prática. Fonseca e Stela (2016) afirmam que para se alcançar sucesso na iniciação esportiva, o incentivo por parte da família é essencial e que a presença dos pais apoiando a criança gera sujeitos com autoestima e controle, pois estes transmitem segurança e motivação. Vale ressaltar que a motivação para a prática esportiva é de suma importância, pois é através dela que os indivíduos ingressam em determinado esporte, permanecem nele ou por falta dela, abandonam a prática.

No presente estudo, as atletas tiveram sua iniciação de maneira informal, visto que a maioria, 31,3% teve seu primeiro contato com o futsal jogando na rua, seguido de 22,2% que iniciou a prática na escola. De mesmo modo, encontra-se o estudo de Santana e Reis (2003) em que 37,2% das atletas deram os primeiros passos no futsal na rua e 34,8% na escola; Martins (2013) 56,25% das atletas iniciaram na rua e 35% na escola; Souza e Martins (2018) 67% na rua e 17% na escola. Ao contrário destes, há o estudo de Martins et al. (2018) em que 53,6% das atletas iniciaram em clubes e 23,2% na rua.

Posteriormente, 69,7% das atletas deste estudo frequentaram uma escolinha de categoria de base. No entanto, esta não era específica para meninas em 66,7% dos casos. Altmann e Reis (2013) revelaram que as jogadoras de futsal de seleções nacionais de países da América do Sul se constituíram como jogadoras a partir da prática informal do futebol em companhia de homens. Os autores afirmam que estas experiências são vistas como benéficas para as meninas, pois possibilitam que elas adquiram habilidades futebolísticas e aumentem seu ritmo de jogo. Assim como no estudo de Vissoci et al. (2013) em que as atletas tiveram a iniciação no esporte juntamente com meninos em escolinhas de futsal. Os autores citam o fato de que são poucos os programas de iniciação esportiva especialmente para meninas e afirmam que ao jogar na presença de meninos há uma exigência maior das atletas, porém esse treinamento misto proporciona melhor desempenho às mesmas. Santana e Reis (2003) apontam em seu estudo a

despreocupação de clubes, iniciativas privadas e universidades a respeito de escolas de iniciação voltadas exclusivamente para o futsal feminino.

No presente estudo, 50,5% possuem ensino superior incompleto e 33,3% ensino superior completo. Esses dados coincidem com os encontrados por Martins (2013), em que 81,6% das atletas participantes estavam se graduando ou já eram graduadas. O autor alega que isso pode ser justificado pelo fato da grande maioria das atletas receberem bolsa estudo. Altmann e Reis (2013) percebem a concessão de bolsas de estudo como uma das formas de remuneração das atletas. Marques e Samulski (2009) associam a maneira como as atletas lidam com as oportunidades na carreira ao nível de escolaridade, tipo de iniciação esportiva, qualidade do suporte familiar e social e o modo como a atleta planeja sua carreira. Martins et al. (2018) considera que o aspecto acadêmico-vocacional influencia na carreira esportiva, porque devido a isso a atleta não pode se dedicar somente ao esporte, tendo que levar uma carreira dupla, o que segundo eles pode gerar algum tipo de sobrecarga. Porém, se por um lado a carreira dupla não é vista como favorável, por outro, ela possibilita à atleta adquirir conhecimentos e até mesmo apresentar talento em outras áreas além do esporte. Com isso, oportuniza a construção de outra carreira garantindo uma estruturação para a fase pós-carreira esportiva.

Atualmente 82,8% das atletas participantes estão sendo remuneradas para jogar futsal, os outros 17,2% praticam o esporte sem remuneração. Este cenário também foi encontrado por Souza e Martins (2018), visto que em seu estudo 86% das atletas recebia algum tipo de remuneração. No entanto, não é sempre que os dados são positivos quando se diz respeito à remuneração no futsal feminino. À exemplo disso, há o estudo de Santana e Reis (2003), em que 67,4% das atletas não eram remuneradas para jogar futsal; o de Martins (2013) em que nenhuma atleta era remunerada para jogar e o de Martins et al. (2018) em que 65,2% não recebiam remuneração. Ferreira et al. (2017) mencionam a importância dos órgãos representativos do esporte nacional, juntamente com as confederações, federações e clubes promoverem novas políticas com o intuito de estimular a presença feminina no esporte e de minimizar os obstáculos existentes. Os autores alegam que são necessárias ações direcionadas à criação de oportunidades, oferta de melhores condições de trabalho e reconhecimento da competência profissional das mulheres, inclusive no que concerne à remuneração.

CONCLUSÃO

O presente estudo mostrou que a maioria das atletas participantes iniciou a prática do futsal numa idade adequada, assim como o estabelecimento do vínculo federativo condizente à primeira categoria de campeonatos oficiais da CBFS. A maioria teve seu primeiro contato com o futsal jogando na rua e posteriormente grande parte frequentou uma escolinha de categoria de base. No entanto, na maioria dos casos essa não era específica para meninas, deixando claro essa carência de escolas de treinamento específicas para o público feminino.

Conclui-se que a grande maioria das atletas possui um alto grau de escolaridade, não havendo diferença significativa entre as atletas que estão no Brasil quanto às que estão na Itália neste quesito. Porém, quando a questão se refere à remuneração nota-se que o percentual de atletas que não recebem para jogar se encontra somente no Brasil, assim como as atletas que não se mantêm apenas com o que ganham com o esporte e aquelas que não consideram o futsal uma profissão.

Considerando os resultados obtidos neste estudo, apesar dos avanços do futsal feminino, é visto que ainda há o que melhorar, principalmente no que se refere à remuneração e reconhecimento do futsal como uma profissão para as mulheres. Os dados aqui encontrados podem ser utilizados por órgãos responsáveis pela modalidade no país a fim de estimular a presença de novas gerações no esporte, visando o crescimento e aperfeiçoamento da modalidade no país.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dione Hélio de; SOUZA, Rafael Machado de. A influência dos pais no envolvimento da criança com o esporte durante a iniciação esportiva no futebol em uma escolinha de Campo Bom-RS. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 8, n. 30, p.256-268, dez. 2016.

ALTMANN, Helena; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 211-232, set. 2013.

BARREIRA, Júlia et al. Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física. **Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p.607-618, jun. 2018.

BASTOS, Paula Viotti; NAVARRO, Antonio Coppi. O futsal feminino escolar. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 1, n. 21, p.144-162, ago. 2009.

FERREIRA, Heidi Jancer et al. As barreiras enfrentadas por treinadoras brasileiras. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 2, n. 31, p.479-488, jun. 2017.

FILGUEIRA, Fabrício M.; SCHWARTZ, Gisele M.. Torcida familiar: a complexidade das inter-relações na iniciação esportiva ao futebol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Rio Claro, v. 2, n. 7, p.245-253, ago. 2007.

FONSECA, Gerard Maurício Martins; STELA, Erika Spritze. A influência parental na participação dos filhos no futsal competitivo. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 8, n. 28, p.3-12, abr. 2016.

MARQUES, Maurício Pimenta; SAMULSKI, Dietmar Martin. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 2, n. 23, p.103-119, jun. 2009.

MARTINS, Luciana Nogueira. Futsal feminino: perfil das atletas nos jogos de Minas Gerais 2012 e implicações pedagógicas. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, Minas Gerais, v. 5, n. 18, p.331-340, 20 jul. 2013.

MARTINS, Mariana Zuaneti et al. Entre o amadorismo, a profissionalização e a carreira dupla: o futsal feminino de elite sul-americano. **Revista Brasileira de Ciência & Movimento**, Campinas, v. 1, n. 26, p.143-155, jan. 2018.

MORAES, Luiz Carlos; RABELO, André Scotti; SALMELA, John Henry. Papel dos Pais no Desenvolvimento de Jovens Futebolistas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Minas Gerais, v. 2, n. 17, p.211-222, jan. 2004.

SANTANA, Wilton Carlos de; FRANÇA, Vinicius dos Santos; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Perfil do processo de iniciação ao futsal de jogadores juvenis Paranaenses. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 3, p.181-187, set. 2007.

SANTANA, Wilton Carlos de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Futsal Feminino: perfil e implicações pedagógicas. **Revista Brasileira de Ciência & Movimento**, Brasília, v. 11, n. 4, p.45-50, dez. 2003.

SANTANA, Wilton Carlos; RIBEIRO, Danilo Augusto. IDADES DE INÍCIO DE ATLETAS DE FUTSAL DE ALTO RENDIMENTO NA PRÁTICA SISTEMÁTICA E EM COMPETIÇÕES FEDERADAS DA MODALIDADE. **Pensar A Prática**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 1-17, ago. 2010.

SILVA, Francisco M.; FERNANDES, Larissa; CELANI, Flórida O.. Desporto de crianças e jovens: um estudo sobre as idades de iniciação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, João Pessoa, v. 1, n. 2, p.45-55, jan. 2001.

SOUZA, Ana Claudia Ferreira de; MARTINS, Mariana Zuaneti. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e a carreira. **Pensar A Prática**, [s.l.], v. 21, n. 1, p.26-39, 29 mar. 2018.

VISSOCI, João Ricardo Nickenig et al. A influência do suporte parental no desenvolvimento atlético de jogadoras de futsal. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 1, n. 15, p.145-156, abr. 2013.